



Fórum Social Mundial

Dez anos de *mobilização* contra o neoliberalismo

Em edição descentralizada, evento voltou a Porto Alegre e promoveu reflexão sobre seu papel atual. Para muitos, é preciso um banho de política ao já consagrado espaço de debate das forças progressistas.

Páginas 4 e 5

Rita Casaro





UMA FELIZ DECISÃO

Eng. Murilo Celso
de Campos Pinheiro
Presidente

APÓS MAIS DE UMA década insistindo na política de privatizações, o Governo do Estado de São Paulo finalmente desistiu de vender a Cesp (Companhia Energética de São Paulo), ameaçada de ir a leilão por várias vezes desde 1998. Juntamente com essa boa notícia, uma melhor ainda. Com esse novo rumo estabelecido, a empresa deve voltar a ter investimentos e ocupar seu devido lugar no sistema elétrico brasileiro como uma das maiores geradoras do País. Segundo divulgado pela imprensa, o Governo pretende que a estatal siga o exemplo da Cemig (Companhia Energética de Minas Gerais), que vem ao longo do tempo investindo na expansão e buscando novos mercados, inclusive fora do território mineiro.

Ainda que esse movimento seja feito de forma tímida, sem grandes aportes de recursos, também como foi veiculado na mídia, a medida é extremamente positiva e deve ser comemorada por todos e especialmente pela engenharia. Segundo informações do novo presidente da Cesp, Vilson Christofari, há duas frentes de busca de projetos. O aproveitamento de pequenas centrais hidrelétricas no território paulista e empreendimentos de fazendas eólicas também em São Paulo, sobretudo em áreas da própria companhia.

Para o SEESP, que desde sempre combateu fortemente a ideia de vender a Cesp, única geradora que sobrou sob controle público após o desmonte dos anos 90, trata-se de uma vitória da racionalidade. Na nossa avaliação, ao abrir mão da companhia, o Governo paulista desistiria também de um importante instrumento de indução do desenvolvimento. Como se sabe, geração de energia não é qualquer atividade econômica e trata-se de interesse de Estado com importantes repercussões na vida da população, na atividade industrial e na economia em geral. Além disso, com a retomada do crescimento e diante da



MARINGONI

necessidade de ampliar a oferta de energia, seria absurdo que São Paulo se eximisse de qualquer possibilidade de intervir no planejamento do setor elétrico e de contribuir com o progresso do País. A partir desse passo acertado, espera-se que esteja superada a visão que, igno-

rando a realidade do setor elétrico, acabou por causar aumento de tarifas, queda na qualidade dos serviços e até racionamento. Que comece uma nova era, voltada ao planejamento e à ação estratégica em benefício do povo paulista e de todo o Brasil.

Governo desiste de privatizar a Cesp e anuncia retomada de investimentos. É uma vitória da racionalidade e do interesse público.

JORNAL DO ENGENHEIRO — Publicação do Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo

Diretora responsável: Maria Célia Ribeiro Sapucahy; **Conselho Editorial:** Murilo Celso de Campos Pinheiro, João Carlos Gonçalves Bibbo, Celso Añenza, João Paulo Dutra, Henrique Monteiro Alves, Laerte Conceição Mathias de Oliveira, Carlos Alberto Guimarães Garcez, Antonio Roberto Martins, Fernando Palmezan Neto, Esdras Magalhães dos Santos Filho, Flávio José Albergaria de Oliveira Brízida, Marcos Wanderley Ferreira, Aristides Galvão, Celso Rodrigues, Cid Barbosa Lima Junior, Edilson Reis, Fabiane B. Ferraz, João Guilherme Vargas Netto, Maxwell Wagner Colombini Martins, Newton Güenaga Filho, Osvaldo Passadore Junior, Renato Becker e Rubens Lansac Patrão Filho. **Colaboração:** Delegacias Sindicais. **Editora:** Rita Casaro. **Repórteres:** Rita Casaro, Soraya Misleh, Lourdes Silva e Lucélia de Fátima Barbosa. **Projeto gráfico:** Maringoni. **Diagramadores:** Eliel Almeida e Francisco Fábio de Souza. **Revisora:** Soraya Misleh. **Apoio à redação:** Cyro Soares e Maurício Hermann. **Sede:** Rua Genebra, 25, Bela Vista – São Paulo – SP – CEP 01316-901 – Telefone: (11) 3113-2650 – Fax: (11) 3106-8829. **E-mail:** imprensa@seesp.org.br. **Site:** www.seesp.org.br. **Tiragem:** 31.000 exemplares. **Fotolito e impressão:** Folha Gráfica. **Edição:** 16 a 28 de fevereiro de 2010. **Artigos assinados** são de responsabilidade dos autores, não refletindo a opinião do SEESP.



Do sonho à realidade (parte 2)

Cid Barbosa Lima Junior

VOLTEI A SONHAR – como se os sonhos não fossem uma constante – e desta vez me encontrava dentro de um presépio. Lá estavam a manjedoura, o bebê, os cavalos, os burros, as vaquinhas, os porcos e os carneirinhos. Todos tranquilos até que a direção da fazenda mudou.

Os cavalos velhos foram demitidos, os burros que tinham dignidade também, só sobraram alguns poucos carneirinhos, algumas vaquinhas, alguns porcos e alguns cavalos, como na alegoria de George Orwell, os colaboracionistas.

A nova gerência tirou a tranquilidade daquele presépio. Ameaçava todos os funcionários com demissão e, quando esses resolveram ir à greve por melhores salários, enviou à porta da empresa policiais civis e militares, munidos de escopetas e metralhadoras.

Ao mesmo tempo, o gerente-mor tomava seus chás de rosa e seus iogurtes para propiciar um bom condicionamento físico para correr, que era seu *hobby* preferido.

Com o breque ao plano de cargos e salários e a implantação da contenção de despesas, obtinha grandes lucros para os acionistas. Essa previu o aumento do número de assessores, contratados no mercado, doação de uma grande área para a província de Belém e os funcionários que nela trabalhavam foram para três prédios alugados.

Enquanto isso ocorria, no microcosmo da cidade de Belém, o alcaide e o governador debatiam-se com o problema das chuvas intensas.

As barragens da empresa, sem controle, começaram a extravasar e a inundar as cidades vizinhas, e a grande mídia – como de praxe – não denunciou as excelentes gestões.

O governador anterior, que é secretário do atual, dizia que as obras realizadas por ele no Rio Jordão – o principal da região – resolveriam para sempre os problemas de enchentes.

No entanto, as chuvas continuaram a cair, e a província virou uma calamidade. Só na cidade de Belém, bairros inteiros ficaram submersos por quase dois meses. Na província inteira, foram mais de 70 mortes.

A política social do governador provincial baseava-se na entrega das empresas públicas ao mercado, que segundo ele gerenciam me-

Demissões, cortes de despesas, enchentes e calamidade pública: era tudo um pesadelo.

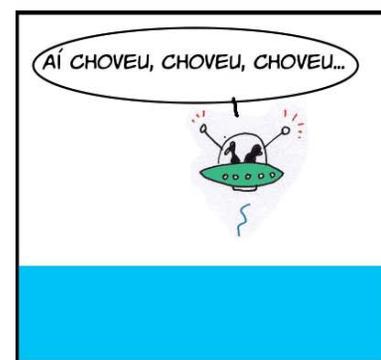
lhor que o Estado. Ao mesmo tempo, o alcaide acusava um tal de Pedro – jovem morador da região – de mandar, através do vodu, as contínuas chuvas. Quase apelou para um tal de Noé – armador e comerciante da época – para salvar o seu eleitorado. O bebê da manjedoura tinha se tornado um homem e resolveu, junto com sua família, abandonar a província.

Com a esperança perdida, acordei em sobressalto, era mais um pesadelo que terminava.

Cid Barbosa Lima Junior é engenheiro



AS ÁGUAS JÁ ROLARAM



Qual o horizonte que sua empresa quer alcançar?

Divulgue seu produto ou serviço aos engenheiros do Estado de São Paulo.

Anúncio aqui!

(11) 9173-0681
(11) 3204-9000

Sua ART pode beneficiar o Sindicato dos Engenheiros

Ao preencher o formulário da ART, não esqueça de anotar o código 068 no campo 31. Com isso, você destina 10% do valor para o SEESP. Fique atento: o campo não pode estar previamente preenchido.

DEZ ANOS DEPOIS, *Fórum Social Mundial* MANTÉM DIVERSIDADE E BUSCA MAIOR POLITIZAÇÃO

Rita Casaro

O FORTE DESEJO de construir um outro mundo – no qual haja justiça e igualdade, o desenvolvimento econômico traga bem-estar sem destruir o planeta, o imperialismo seja abolido e tenham fim o racismo, o sexismo e toda a discriminação – mais uma vez ecoou em Porto Alegre.

A cidade que, em 2001, inaugurou o Fórum Social Mundial recebeu, entre os dias 25 e 29 de janeiro último, o evento, distribuído também pelos municípios gaúchos de Canoas, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Sapiranga e Novo Hamburgo.

Numa edição descentralizada – aconteceram iniciativas em diversas partes do Brasil e do mundo –, o foco principal do encontro foi a reflexão sobre a mobilização que nasceu para se contrapor ao Fórum Econômico Mundial numa época em que grassava a hegemonia neoliberal, seu papel atual, avanços e dificuldades. Esse foi o tema do seminário “Dez anos depois: desafios e propostas para um outro mundo possível”. Nas diversas mesas de discus-



Debate sobre conjuntura social apontou desafios do FSM. Para Emir Sader (na ponta à direita), mera resistência leva à derrota.

sões, uma questão recorrente: o FSM limita-se a um espaço de encontro e debate entre organizações e movimentos progressistas ou é capaz de articular políticas e ações que contribuam para construir esse outro mundo possível? Sem que se chegasse a uma conclusão cabal, ganhou evidência a necessidade de

articulações que levem à ação conjunta, como ocorreu em 2003, quando milhões de pessoas em todo o globo marcharam contra a invasão do Iraque pelos Estados Unidos. Taxativo, em entrevista coletiva, o sociólogo Emir Sader propôs “um banho de política ao FSM”. Também durante o debate sobre a conjuntura social, realizado no dia 26, ele foi categórico. “A crise não acabou com o modelo neoliberal e isso não acontecerá sem que haja alternativas, que precisam ser construídas. A resistência eterna é um caminho de derrota.”

Mais otimista, o francês Gustave Messiah comemorou uma grande vitória do FSM: a recusa do ideário neoliberal como único. “A batalha das ideias foi vencida pelo social, isso foi confirmado pela crise financeira em 2008”, afirmou.

Na manhã anterior, na mesa de abertura, teve lugar um embate parecido. “O FSM é

uma espécie de concentração, mas o jogo se decide em campo”, afirmou o líder do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), João Pedro Stédile. Ele vê a iniciativa como uma grande contribuição, mas que “falhou ao não conseguir promover ações exitosas de massa”.

Mais benevolente, o dirigente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), João Felício, vê mais qualidades que defeitos numa mobilização que conseguiu dar conta da enorme diversidade que marca o FSM. Ainda assim, também propôs partir para a ação segundo uma pauta de consenso. “A reflexão é fundamental, mas precisamos de grandes mobilizações de massa para alcançar mudanças.”

Falta construir alternativas reais ao neoliberalismo e promover ações de massa.

Uma sugestão dessa agenda foi dada pelo jornalista Antonio Martins, da Attac Brasil (Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio ao Cidadão), na fala acerca do novo ordenamento mundial, no dia 28. “Precisamos de propostas concretas para problemas que exigem respostas, como a imigração, o trabalho e a mudança climática.”

Alterando o tom, a líder feminista uruguaia Lillian Celiberti comemorou o espaço constituído. “Estar juntos e recriar a esperança é um fim em si mesmo. Não vimos aqui apenas para encontrar um meio de unir as lutas, mas porque acreditamos que existe um novo mundo possível”, enfatizou.

Clima, Haiti, pré-sal, engenharia e trabalho

O FSM mais uma vez deu conta da diversidade que o marca e abrigou 915 atividades autogestionadas, das quais participaram 35 mil pessoas, oriundas de 39 países, segundo dados da organização. Ganhou ênfase o tema das mudanças climáticas, que coloca em xeque a própria sobrevivência da humanidade e do planeta. Concentrou atenções a situação do Haiti, devastado pelo terremoto de 12 de janeiro último, que matou mais de 230 mil pessoas.

O drama teve destaque numa das principais atrações do evento, a participação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, num encontro com os movimentos sociais promovido no ginásio do Gigantinho, na noite de 26 de janeiro. Prometendo auxílio ao País, além da controversa presença de tropas brasileiras, Lula defendeu que o FSM 2010 tivesse como única proposta final a solidariedade ao povo haitiano.

Também na agenda, pautas de interesse nacional, como as reservas de petróleo na camada do pré-sal, cujo marco regulatório encontra-se em discussão no Congresso. A Lei 11.888/08, que institui a assistência técnica pública e gratuita, foi objeto de uma oficina, em 27 de janeiro. Entre os palestrantes, o diretor do SEESP, Carlos Kirchner.

A luta pela redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais esteve presente na tradicional marcha de abertura, que percorreu as ruas de Porto Alegre, com cerca de 30 mil pessoas, na tarde de 25 de janeiro, e teve grande participação do movimento sindical. A necessidade de manter a unidade foi o tema do seminário “Crise global, trabalho decente e pacto mundial pelo emprego”, que reuniu as centrais, no dia 28.



Participação de Lula foi uma das principais atrações do FSM. Presidente pediu solidariedade ao Haiti.

Participação do SEESP

Tendo marcado presença em todas as edições do Fórum Social Mundial realizadas no Brasil (2001, 2002, 2003, 2005 e 2009), o SEESP enviou uma delegação à edição que marcou os dez anos da iniciativa. Leia a seguir as impressões dos dirigentes que foram a Porto Alegre.

Após uma década de seu primeiro encontro, voltou a Porto Alegre e a mais cinco cidades do Rio Grande do Sul o Fórum Social Mundial. Hoje, o Brasil já não é mais o mesmo, foi testado pela crise de outubro de 2008 e está mais robusto econômica e financeiramente.



Fotos: Beatriz Armada

O Fórum Social Mundial continua um espaço democrático, plural e uma oportunidade de relacionamento humano para compreender-se melhor o País e o mundo em que vivemos. Os seus primeiros dez anos foram saudados por jovens a aposentados.

O balanço sobre as mudanças na América do Sul mostrou os avanços democráticos e sociais no período e as dificuldades previsíveis na próxima década. Um debate vibrante, unindo engenheiros, estudantes, professores, petroleiros, sindicalistas, governo e trabalhadores sem-terra, mostrou como o fundo social do pré-sal poderá destinar até 50% dos recursos para melhorar a qualidade da educação.

Chamou-me a atenção uma iniciativa da qual já tinha ouvido em 2003, mas só agora concretizável: a realização de evento do FSM em Detroit, nos EUA, em junho deste ano. O mundo mudou.

João Paulo Dutra, vice-presidente do SEESP



Allen Habert, diretor do SEESP

Se eu pudesse resumir numa só palavra todos os sentimentos que me acometem quando participo da marcha de abertura do FSM, essa seria esperança. Em meio àquela diversidade de pessoas clamando suas demandas, impossível não se sensibilizar e se solidarizar com cada uma delas. E, nesse momento, como não acreditar que um outro mundo é possível?

Ao longo do evento, minha participação foi focada na temática ambiental e, a partir dos debates, ficou clara a necessidade urgente de uma agenda para o enfrentamento dos efeitos desastrosos causados pelo atual modelo de desenvolvimento.

Por fim, agradeço imensamente ao SEESP por ter me proporcionado mais uma vez a participação no FSM, que talvez seja o espaço político mais democrático atualmente, voltado à construção de propostas para um outro mundo.

Fabiane Ferraz, diretora da Delegacia Sindical do SEESP em Piracicaba





MÁ ECONOMIA *pode* RESULTAR EM ACIDENTES

Soraya Misleh

ERROS PRIMÁRIOS EM OBRAS são consequência do desmonte da engenharia brasileira nos últimos 20 anos e da provável busca por economia na contratação de profissionais. Essa é a conclusão de especialistas e pano de fundo de acidentes ocorridos recentemente.

Na concepção de José Elias Laier, professor titular do Departamento de Engenharia de Estruturas da Escola de Engenharia da USP São Carlos (Universidade São Paulo), agora que retomaram-se as obras em velocidade grande, não há profissionais com experiência para gerenciá-las. “É o preço por não ter havido investimento em engenharia por um bom tempo. Houve perda de expertise.” Em âmbito global, o secretário de Estado dos Transportes de São Paulo, Mauro Arce, concorda: “Vivemos no passado um momento em que havia até desemprego, hoje o fenômeno é outro, sobretudo na área civil. Há uma demanda muito grande e um déficit de profissionais habilitados para fazer obras de infraestrutura no Brasil inteiro.”

Professor da Escola Politécnica da USP, presidente da Associação Latino-Americana de Controle de Qualidade, Patologia e Reabilitação das Construções e conselheiro do Ibracon (Instituto Brasileiro do Concreto), Paulo Roberto do Lago Helene pondera que a questão é ainda mais complexa: “Nos últimos 20 anos, houve um desenvolvimento brutal da engenharia. Antigamente ninguém falava de ambiente, ecologia, economia de energia, não havia norma de qualidade, durabilidade, vida útil, desempenho. Quando me formei, em 1972, a gente transportava concreto por jerica (um carrinho de duas rodas) e por elevado, não

existia bomba de concreto, grua... Muitas novidades ocorreram e a quantidade de informação com que hoje o engenheiro sai da escola é muito superior. Então, não consegue se posicionar, a menos que faça parte de uma equipe multidisciplinar.” Diante disso, na sua ótica, não dá para atuar sozinho. “No meu tempo, uma construtora podia entregar uma obra para um recém-formado porque tudo o que havia era meia dúzia de coisas. Hoje, ele não pode ficar como único responsável por uma linha de metrô, uma ponte ou viaduto do rodovial. É muito mais complexo, tem-se muitas variáveis, isso sem falar em todas as exigências, inclusive de proteção ao trabalhador, o que obriga a que se tenha um engenheiro de segurança.” Assim, Helene vaticina: “Quem cobra um profissional muito bem formado é quem não quer pagar por uma equipe, mas somente o mínimo de um recém-graduado, e quer que ele saiba tudo. Isso não é mais possível.”

Falha elementar

O acidente em trecho do rodovial sul em novembro de 2009 serve de exemplo das consequências desse quadro, acredita Laier. Arce enfatiza, todavia, que, no caso, estão envolvidas as maiores empresas do País, as quais competem no mercado de forma prioritária, tendo capacidade muito maior de trazer profissionais habilitados e pagar seus salários. O consórcio responsável pelo rodovial, portanto, na sua visão, teve todas as condições de seguir esse caminho.

A despeito disso, a falha foi primária. Segundo resultado do laudo elaborado pelo IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas), divulgado ao

final do ano passado pela assessoria de imprensa da Secretaria Estadual dos Transportes, o deslizamento e tombamento das vigas em trecho do anel viário deveu-se à conjugação de três fatores: falta de horizontalidade das superfícies das bases de apoio, insuficiência de atrito na interface das vigas com essas bases e falta de travamento adequado das vigas. Agraciado pelo SEESP com o prêmio Personalidade da Tecnologia em Construção Civil no ano de 1997, Helene analisa que os dois primeiros foram coadjuvantes. “Caiu porque não tinha o travamento, essa é a razão principal.” Compartilhando dessa análise, Laier enfatiza: “É uma falha primária, não é possível cometer um erro tão elementar. É como soltar uma bigorna no próprio pé.” De acordo com Arce, não fosse a ausência de amarração, mesmo faltando uma viga, o que também foi notado, não teria havido a queda. Ele explicou: “Houve um erro na montagem, é um problema muito mais na execução. O consórcio, a quem cabia fazer a instalação, assumiu isso.”

Assim, além de não ter acréscimo no custo – estimado em R\$ 5 bilhões –, o secretário garante que não haverá atrasos na entrega do trecho sul à população, prevista para 27 de março próximo. E pondera: “Não quero minimizar, mas entre 2.480 e tantas vigas em 62km, tivemos a queda de três. Gostaria que não tivesse tido nada, mas essa obra tinha visibilidade enorme, e o índice de acidentes foi extremamente baixo.”

Para Laier, é preciso investir em capacitação e fazer auditoria técnica na obra. “A engenharia civil brasileira é muito respeitável, o problema está na parte operacional”, finaliza.

Tentar reduzir custos com mão de obra aumenta riscos de ocorrências em construções.



Acidente em trecho do rodovial sul, em 2009, é exemplo da perda de expertise na engenharia.

Moacyr Lopes, Junior/Folha Imagem



Conferência das Cidades em Bauru

Com o tema central “Avanços, dificuldades e desafios na implementação da política de desenvolvimento urbano” e a missão de resgatar e discutir os resultados das iniciativas anteriores, visando a evolução no processo de desenvolvimento urbano local e a proposição de políticas públicas para a área, ocorreu em 15 e 16 de janeiro a 4ª Conferência Municipal de Bauru. Entre os tópicos que integraram o evento, a implementação do conselho e do instituto de planejamento e desenvolvimento locais e a integração das políticas urbanas no território (fundiária, de saneamento, habitação, mobilidade e acessibilidade).

Contribuição sindical

Prevista nos artigos 578 a 591 da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), com o objetivo de garantir o custeio para a representação dos trabalhadores, a Contribuição Sindical é obrigatória e deve ser paga neste ano até o próximo dia 26. Para tanto, as GRCSs (Guias de Recolhimento) já foram enviadas aos engenheiros. A esses, o valor é de R\$ 139,50.

Assistência técnica em Ribeirão Preto

Em 29 de dezembro último, foi aprovada pela Câmara de Vereadores local a Lei nº 12.215/09, que institui o programa municipal de assistência técnica à habitação social em Ribeirão Preto. A norma vai ao encontro da Lei Federal nº 11.888/08, relativa à

assistência técnica pública e gratuita ao projeto e construção à população de baixa renda.

O sindicato, por intermédio de sua delegacia sindical na Alta Mogiana, participou ativamente da elaboração dessa lei e agora visa garantir sua implementação.



Presidente da Delegacia do SEESP na Alta Mogiana, Nelson Martins da Costa (com a palavra) participa de reunião sobre a lei de assistência técnica.

Enchentes em São Paulo em debate

Para identificar as raízes de tal problema e propor alternativas, foi realizado no dia 10 de fevereiro, na Câmara Municipal de São Paulo, o debate “Enchentes: causas e soluções”.

Promovido pelos vereadores Jamil Murad e Netinho de Paula, ambos do PCdoB, o encontro contou com as palestras de Sérgio Gonçalves, da Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental do Ministério das Cidades; do geólogo Delmar Mattes; do presidente do SEESP, Murilo Celso de Campos Pinheiro; e da livre-docente do Departamento de Geografia da USP (Universidade São Paulo), Odete Seabra.



Encontro aprovou formação de equipe para equacionar o problema, proposta feita pelo presidente do SEESP, Murilo Pinheiro (primeiro à direita).

Pinheiro enfatizou que a responsabilidade de equacionar o problema é de todos. Ele sugeriu a formação de uma equipe de trabalho composta por especialistas, poder público e sociedade civil, o que foi aceito por unanimidade.

Entre as principais causas das enchentes levantadas no encontro

estão a falta de planejamento na área de saneamento, ocupação desordenada nas várzeas e em áreas de risco, alteração dos espaços naturais de drenagem da água, desmatamento, expansão territorial, destinação incorreta do lixo e irresponsabilidade política por parte dos governantes.

Sindicato em defesa do patrimônio dos engenheiros

Perante ação que tramita na 49ª Vara do Trabalho de São Paulo, o SEESP entrou com pedido de defesa do patrimônio previdenciário dos engenheiros e, por extensão, de todos os trabalhadores das empresas de energia elétrica paulistas, que terão seus benefícios de aposentadoria pagos pela Fundação Cesp.

O sindicato tomou essa decisão ao considerar o risco imputado ao patrimônio da fundação, em consequência de ação judicial impetrada pela AAFC (Associação dos Aposentados da Fundação Cesp), que cobra da

Fazenda do Estado aproximadamente R\$ 40 milhões referentes a diferenças de valores de benefícios de complementações de aposentadorias (Lei 4.819/58) e coloca a Fundação Cesp como solidária. Esta é tão somente uma processadora, que operacionaliza a folha de pagamento dos aposentados da Cesp e da Cteep vinculados à lei em questão, cuja fonte de recursos é de responsabilidade exclusiva do Tesouro do Estado, visto que a fundação não possui nenhuma reserva ou fundo de provisão constituído para esse fim.

Diretorias do SEESP e da FNE tomam posse em março

No próximo dia 1º, ocorrerá na Assembleia Legislativa de São Paulo, no Plenário Juscelino Kubitschek de Oliveira, na Av. Pedro Álvares Cabral, 201, a solenidade de posse da nova diretoria do SEESP, eleita para a gestão 2010-2013. A cerimônia está marcada para as 19h30.

Ainda em março ocorrerá no dia 18, na Câmara dos Deputados (Auditório Nereu Ramos, Anexo II), em Brasília, às 15h, a posse da diretoria da FNE (Federação Nacional dos Engenheiros), cujo mandato também vai até 2013. À frente de ambas entidades estará o engenheiro Murilo Celso de Campos Pinheiro. Para confirmar presença na cerimônia na Capital Federal, o telefone é (61) 3225-2288, e em São Paulo, (11) 3113-2610.

No Interior

Em Bauru, posse da Diretoria Regional do SEESP ocorrerá no mesmo mês, no dia 5. O evento será sediado na nova sede da delegacia, na Rua Constituição, 8-71, a partir das 19h30. No ensejo, será ainda descerrada placa de inauguração do espaço, que passa a ser denominado Eng. Murillo Villaça Maringoni, ao qual será feita homenagem póstuma. Também na ocasião serão empossados os membros do Conselho Técnico do Promore (Programa de Moradia Econômica). Mais informações pelo telefone (14) 3224-1970.

Comissão para discutir PLR 2010 na Usiminas

Em 13 de janeiro último, foram empossados os membros da Comissão de PLR 2010 na Usiminas, com mandato de dois anos. São 18 representantes dos empregados. Além deles, há quatro da companhia e sete das entidades sindicais, entre os quais o presidente da Delegacia do SEESP na Baixada Santista, Newton Guenaga Filho. Logo de início, o desafio da comissão é finalizar e assinar o programa de PLR 2010 ainda neste mês.

